



Chamados pelo nome

*Carta aos
irmãos*
OUTUBRO 2026

Queridos irmãos e irmãs das Escolas Pias

No mundo antigo, o nome não era simplesmente uma maneira de distinguir uma pessoa da outra. Dizia algo sobre quem o carregava: falava de sua origem e, às vezes, era um nome-profecia que continha uma promessa sobre seu futuro. No mundo bíblico, Abrão será Abraão; Jacó será Israel; Simão será Pedro. Receber um nome novo significava descobrir que a própria identidade não se esgota naquilo que alguém foi, mas se abre para aquilo que Deus vê nessa pessoa e espera dela.

Como seria simples se nosso nome já contivesse escrito o nosso destino! Bastaria aprender seu significado para saber quem somos e para que viemos ao mundo. Mas nossa experiência é outra. Recebemos uma vida e precisamos de tempo para descobrir o que queremos fazer com ela e, sobretudo, o **que somos chamados a fazer dela**.

As perguntas que nos acompanham

Há perguntas que não resolvemos de uma vez por todas. Elas nos acompanham e voltam com formulações diferentes em cada etapa da vida: de “Quem sou?” e “O que quero fazer da minha vida?” a “Quem me chama?”, “Onde posso amar mais e melhor?”, “Que dor do mundo não me deixa dormir?”, “A que vale a pena entregar meu tempo, minhas capacidades, minha única vida?” e “A que Deus me convida?”.

Quando somos jovens, fazemos essas perguntas olhando para a frente. Depois, elas voltam quando tomamos decisões, atravessamos uma crise, assumimos novas responsabilidades ou descobrimos que **aquilo que escolhemos um dia precisa ser escolhido novamente**. A vocação autêntica não elimina as perguntas; permite que voltemos a elas a partir de lugares cada vez mais profundos.

Uma vida precisa de um para quê

A busca por esse “para quê” tem algo de radicalmente pessoal. Outros podem me acompanhar e aconselhar, mas chega um momento em que a resposta é minha, íntima e intransferível. Podemos adiá-la, nos distrair ou viver durante anos sem formulá-la claramente, mas não podemos delegá-la. **Cada pessoa precisa responder, com a própria vida, à pergunta sobre sua própria vida.**

A vocação não consiste apenas em escolher uma profissão, um estado de vida ou uma tarefa, mas em encontrar o fio capaz de dar unidade e sentido ao que somos. Podemos ter uma vida cheia de atividades e deixar que o “para quê” de tudo o que fazemos vá se apagando, quase sem perceber. Também podemos atravessar dificuldades que nos abalam e conservar **uma serena unidade interior, porque sabemos por que e para quem vivemos.**

Algo decisivo acontece quando deixamos de perguntar apenas o que queremos fazer da nossa vida e nos atrevemos a perguntar a que nossa vida é chamada. Então, **o centro de gravidade muda**: a vida deixa de ser apenas um projeto que construímos e se torna uma resposta a uma aliança.

Para um cristão, essa pergunta é feita diante de Deus. A vocação não é um enigma cuja solução Deus conhece e nós precisamos adivinhar: é uma relação. **Deus chama a partir da realidade**, dos dons recebidos, dos nossos desejos mais verdadeiros, das pessoas que coloca em nosso caminho, das necessidades do mundo e de sua Palavra. Por isso, **precisamos cuidar da vida espiritual**. Vivemos cercados de estímulos, opiniões e expectativas, e podemos saber muito sobre o que acontece fora de nós e compreender pouco do que se passa em nosso interior. Precisamos aprender

a escutar a Deus e, ao mesmo tempo, a nós mesmos, porque ninguém pode discernir uma vida que não sabe ler.

Deus chama pelo nosso nome

A Escritura está repleta de histórias vocacionais. Abraão precisa partir. Moisés sente-se incapaz. Samuel precisa que alguém o ajude a compreender quem o está chamando. Jeremias pensa que é jovem demais. Maria pergunta como poderá acontecer aquilo que lhe é anunciado. Os primeiros discípulos deixam suas redes. Paulo descobre, no caminho, que uma vida inteira pode precisar mudar de direção¹. E, nos momentos decisivos, Deus pronuncia simplesmente um nome — e muitas vezes o pronuncia duas vezes: “*Abraão, Abraão*”; “*Moisés, Moisés*”; “*Samuel, Samuel*”; “*Saulo, Saulo*”². Maria também ouviu seu nome antes de receber uma missão que transformará sua existência³.

Nenhuma dessas histórias é igual à outra. **Deus não trabalha com moldes**. Há chamados luminosos e outros que abrem caminho em meio a dúvidas; respostas rápidas e processos que precisam de anos; pessoas que dizem logo “aqui estou” e outras que apresentam a Deus todas as suas objeções. Mas, em todas elas, Deus entra em uma história concreta, e essa história adquire uma dimensão nova.

Podemos ler assim a vida de São José de Calasanz. Seu caminho não foi traçado desde o início: ele buscou, estudou, tornou-se sacerdote, assumiu responsabilidades, viajou, fez planos e continuou se perguntando. Foi já na maturidade que o encontro com as crianças pobres de Roma reorganizou definitivamente sua existência. **Impressiona-me a liberdade interior com que ele se deixou surpreender por Deus** quando boa parte de sua vida já havia sido percorrida. Aquelas crianças não foram apenas mais uma atividade em sua biografia, mas o lugar a partir do qual ele compreendeu de outra maneira toda a sua vida. Encontrou onde entregá-la.

.....

1.- Abraham: Gn 12,1-4; Moisés: Ex 3,11 y 4,10; Samuel: 1 Sam 3,1-10; Jeremías: Jer 1,6; María: Lc 1,34; primeros discípulos: Mt 4,18-22; Pablo: Hch 9,1-19.

2.- Gn 22,11; Ex 3,4; 1 Sam 3,10; Hch 9,4. La tradición judía vio en esta repetición un gesto de ternura y de urgencia, como quien llama a alguien muy querido y no quiere que pase de largo.

3.- Lc 1,30.

Também nós precisamos conservar essa liberdade. A vocação não pertence apenas aos começos, nem é algo que se possui, como se um dia estivesse definitivamente conquistado e resolvido. **A vocação é acolhida, discernida, vivida e escolhida novamente.**

Deus continua chamando

Estou profundamente convencido disso: Deus continua chamando hoje. Chama homens e mulheres a amar, formar uma família, educar, cuidar, servir, entregar a vida. E continua chamando também para a vida religiosa Escolápia. Sei que, em alguns lugares da Ordem, as vocações são escassas e que essa realidade pesa sobre nossas comunidades e, às vezes, gera cansaço. Não quero ignorá-la. Mas **a escassez não significa o silêncio de Deus.** Enquanto em algumas regiões vivemos tempos de semeadura paciente, em outras a Ordem vê nascer com alegria novas vocações, que nos lembram que o legado de Calasanz continua necessário e fecundo.

Há algo muito bonito em um jovem que descobre que pode entregar toda a sua vida a Deus, vivê-la em comunidade e colocá-la a serviço das crianças e dos jovens, especialmente daqueles que mais precisam. Não porque o caminho será fácil, mas porque encontrou **um lugar a partir do qual sua vida pode se tornar um dom.** É igualmente bonito ver tantos leigos e leigas que descobrem em Calasanz, em sua espiritualidade e em sua missão, o lugar a partir do qual viver a própria vocação. O carisma escolápico pode ser o lugar para descobrir como viver, servir e entregar a própria vida.

Uma das maiores alegrias que experimento em minhas visitas à Ordem é ouvir **relatos vocacionais** de jovens em formação inicial, alunos dos últimos anos, universitários, jovens do Movimento Calasanz, educadores, equipes diretivas e membros das Fraternidades. Histórias muito diferentes, com algo precioso em comum: alguém começa a descobrir que **sua vida é chamada a algo que a ultrapassa.**

Ouvi algumas dessas histórias em **lugares marcados pela pobreza**, pela violência ou pelo conflito, contadas por jovens que teriam muitas razões para se limitar a sobreviver e que, ainda assim, continuam se perguntando o que podem oferecer e a quem podem servir. Isso sempre me comove. A vocação não espera que todas as condições sejam favoráveis; às vezes, abre caminho justamente onde a vida precisa lutar com mais força pela esperança.

Ajudar a fazer a pergunta

Aqui temos uma responsabilidade muito escolápica. Se educar é acompanhar uma pessoa para que ela chegue a ser quem é chamada a ser, a **dimensão vocacional pertence ao coração da nossa missão educativa.**

Penso especialmente nos jovens que atravessam etapas de transição: o fim da escola, a entrada na universidade, o início da vida profissional. São anos cheios de escolhas sobre estudos, relacionamentos, projetos e estilos de vida. Mas, junto de todas essas perguntas, há outra mais profunda que não deveríamos deixá-los enfrentar sozinhos: **“A que minha vida é chamada por meio de todas essas decisões?”.**

Não temos de responder por eles; não poderíamos fazê-lo. Nossa tarefa é ajudá-los a formular a pergunta e acompanhá-los com profundo respeito à sua liberdade. Calasanz expressa isso com uma simplicidade preciosa quando, falando de um jovem que desejava tornar-se religioso, escreve: *“Vossa Senhoria não me escreveu mais sobre aquele jovenzinho de Sezze, parente de José, que diz querer tornar-se religioso. Escrevi-lhe que queria vê-lo. Se ele estiver inclinado a outra religião, isso me dará tanto prazer quanto se estivesse inclinado à nossa, contanto que se dedique ao serviço do Senhor”*⁴. Não se trata de atrair pessoas para nós, mas de ajudar cada jovem a descobrir onde pode responder com verdade ao chamado que recebeu.

A alegria também chama

É possível transmitir uma vocação? Na verdade, não: cada chamado é único. **Mas podemos transmitir o desejo de buscá-lo.**

Muitas vezes queremos compartilhar aquilo que nos faz felizes. Um escolápico feliz não precisa dizer a um jovem “você tem que ser como eu”; sua própria vida comunica algo muito mais importante: *vale a pena entregar a vida.* Uma família que se ama, uma educadora apaixonada, um jovem comprometido, um membro da Fraternidade que vive com coerência o

.....
4.- San José Calasanz, *Opera Omnia*, Vol. I, p. 147, carta del 13 de marzo de 1622.

carisma tornam visíveis as belas maneiras de dedicar a vida. **Essa alegria é o que dá credibilidade a qualquer convite:** nenhum jovem se sentirá chamado a uma vida que não vê como feliz.

Aqui temos também um bom **critério de discernimento e autenticidade**. Uma vocação verdadeira não significa viver sempre contente nem estar livre de dificuldades, mas deveria tornar nossa vida cada vez mais unificada, mais livre, mais disponível para amar, com a alegria profunda de saber que estamos onde Deus quer que estejamos e onde nós mesmos queremos estar.

Por isso, uma de nossas maiores responsabilidades vocacionais é **viver agradecidos pelo chamado recebido**. Não precisamos de entusiasmos artificiais, mas de vidas verdadeiras, capazes de mostrar que aquilo que um dia escolhemos continua valendo a pena.

Deus, Pai bondoso, tu continuas pronunciando nomes. Também o nosso. Ensina-nos a reconhecer tua voz em meio a tantas vozes, a descobrir teu chamado em cada etapa da vida e a ter a liberdade e a confiança necessárias para responder-te. Que nossa vida seja, a cada dia, uma resposta generosa ao teu chamado.

Amém.

Com afeto e em comunhão,

*P. Carles, Sch. P.
Padre Geral das Escuelas Pías.*

San Pantaleo, Roma, 4 de octubre se 2026, festa de São Francisco.